

**O aeroporto como fronteira na  
construção da identidade nacional:  
notas para uma antropologia do turismo e da mídia**

Euler David de Siqueira

Denise da Costa Oliveira Siqueira

**INTRODUÇÃO**

Em fins de 2003 e início de 2004, portos e aeroportos brasileiros foram palco de uma série de conflitos envolvendo a chegada de norte-americanos submetidos a procedimentos de identificação semelhantes aos que brasileiros enfrentaram para entrar nos Estados Unidos. O Brasil recorria ao princípio internacional de reciprocidade. A imprensa realizou ampla cobertura da série de eventos e mostrou o posicionamentos das diferentes esferas do Estado brasileiro. Analisando a situação veiculada pela mídia, procuramos mostrar que o aeroporto, naquela situação (Siqueira e Siqueira, 2006), estava além da ideia de não-lugar apresentada por Marc Augé (2001). Ao mesmo tempo, discutimos como esse espaço era transformado em lugar a partir da forma como a vida social era tecida em relações significativas que se inscrevem sob a forma de trabalho, música, amizade, hospitalidade, hostilidade, memória, dança, dádiva, corpo, lazer e prazer.

No aeroporto do Galeão, na cidade do Rio de Janeiro, assim que turistas e viajantes norte-americanos chegavam e eram submetidos a identificação por autoridades federais brasileiras, uma situação de hostilidade era engendrada. Naquela ocasião, por meio do ritual, a hostilidade foi destotalizada como prática de separação e retotalizada ritualisticamente como prática conjuntiva. Nesse processo, dança, samba, dádivas (entrega de presentes), palavras de cordialidade, mulatas com corpos seminus, além de uma bateria de escola de samba, assumiram papel-chave em um drama social com vias a permitir que os ânimos se apaziguassem. De não-lugar – espaço destituído de história, identidade, de significado e sentido, enfim, uma estrutura desumanizada – o aeroporto pôde ser visto como palco tão significativo quanto qualquer outro lugar ou pedaço onde homens tecem a trama da vida social (Siqueira e Siqueira, 2006).

Em março e abril de 2008, os aeroportos de Salvador, do Galeão, no Rio de Janeiro e o internacional de Fortaleza voltaram à cena como lugares onde mais uma vez turismo, cultura, Estado, identidade e comunicação estabelecem relações repletas de significado tendo o ritual papel-chave nesse processo. No início de março de 2008, dois estudantes brasileiros de pós-graduação que se dirigiam a Portugal para um congresso científico foram barrados no aeroporto de Baraja, Madrid,

juntamente com outros brasileiros, e deportados depois de submetidos a situação humilhante.<sup>1</sup> Tal deportação marcou o início de novo “conflito” nos aeroportos brasileiros.

Todos os anos, viajantes de diversas nacionalidades, inclusive brasileiros, são barrados em aeroportos de vários países da Europa. Contudo, o caso dos brasileiros barrados e deportados da Espanha ganhou destaque na mídia. Políticos, intelectuais, educadores, profissionais de turismo, pessoas “comuns” se colocaram a discutir a forma como os pesquisadores brasileiros foram tratados e, o mais importante: o que poderia ser feito diante dos acontecimentos. Para todos os efeitos, estabeleceu-se uma relação identitária do tipo étnico: somos nós, brasileiros, em oposição a eles, espanhóis. Uma relação em que o etnocentrismo e a identidade em sua vertente étnica estão presentes (Oliveira, 1976; Siqueira, 2007).

Partindo dessa nova situação de conflito e desentendimento nos aeroportos, o objetivo deste artigo é procurar explicitar as diversas relações que cultura, turismo e comunicação operam juntas na produção de sentido para o mundo, notadamente no aeroporto. Investigamos e analisamos a forma como a partir de uma série de matérias veiculadas na mídia – acerca dos eventos em que brasileiros e espanhóis foram barrados e deportados nos aeroportos – podemos revelar um universo rico de rituais e representações sobre a forma como a identidade nacional é construída.

Muitos podem se beneficiar da análise proposta. Para o turismo e seus profissionais, compreender que o aeroporto é muito mais do que um complexo tecno-utilitário à chegada e saída de passageiros pode ser importante para o conjunto final de ações, imagens e representações que se encontram em jogo em suas tomadas de ação. Para alunos de graduação e pós-graduação em turismo, comunicação e ciências sociais, cria-se uma oportunidade singular de mostrar como a antropologia e a pesquisa qualitativa permitem descobrir um universo onde o significado é forjado.

O desenvolvimento desse trabalho se encontra inserido dentro de projetos de pesquisa desenvolvidos junto aos programas de pós-graduação em ciências sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora e de comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

### **AEROPORTO: LUGAR DE ALTERIDADE E CONFLITO - A LEITURA DA MÍDIA**

A mídia pode ser tomada como rico fórum de representações. As mensagens informativas, ficcionais e publicitárias por ela veiculadas contêm valores, visões de mundo, preconceitos, enfim, representações de alguns grupos sociais. Sua leitura crítica permite

---

<sup>1</sup> INFANTE, Anelise. “Espanha barrou em fevereiro mais de 450 brasileiros”. In: BBC Brasil.com. 06/03/2008. Disponível em: [www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080306\\_espanhaestudantesbarrados\\_fp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080306_espanhaestudantesbarrados_fp.shtml). Acesso em: 27/04/2008.

desconstruir alguns desses discursos e captar as ideias ali expressas, afinal, como escreveu Baccega sobre o campo da comunicação/educação: “nesse campo se constroem sentidos novos, renovados ou ratificam-se mesmos sentidos com roupagens novas, sempre inter-relacionados à dinâmica da sociedade, lugar último e primeiro onde os sentidos verdadeiramente se constroem” (Baccega, 2001, p.20).

A leitura da mídia na cobertura do caso das deportações brasileiras e espanholas, possibilitou observar a construção do sentido em relação à “identidade brasileira”. Em matéria publicada no site da *BBC Brasil* observou-se a reportagem de um clima de confronto. Uma das frases que explicitava a hostilidade era: “Em blogs, chats e seções de cartas de leitores dos principais jornais do país, aparecem acusações mútuas. Na disputa, brasileiros tentam justificar a reciprocidade, e espanhóis começam a criticar o Brasil em quase tudo”.<sup>2</sup> Na mesma matéria e em outras feitas com declarações semelhantes, turistas espanhóis contam como se sentiram profundamente humilhados e comparam o tratamento recebido ao dispensado a animais.<sup>3</sup> Não restava dúvidas de que havia um campo, região ou zona onde a construção do significado era definitivamente atravessada pela etnicidade.

Neste artigo nos interessa sobretudo a forma como os elementos do ritual operam na situação estudada. Um deles é o de identificação e separação daqueles que são espanhóis, dos de outras nacionalidades. Nas palavras de um turista espanhol barrado no aeroporto do Galeão, na matéria “Turistas espanhóis barrados reclamam de discriminação”:

“Ali, o problema é ser espanhol”, disse o empresário Pedro Hernández, barrado na semana passada no aeroporto do Rio, depois de ter feito várias viagens ao Brasil nos últimos três anos sem incidentes. “Já no desembarque perguntaram a todo mundo quem era espanhol”, diz Hernández. “Os que levantaram a mão foram separados do resto dos estrangeiros, e a polícia veio mostrando as armas e as identificações para intimidar”.<sup>4</sup>

Ainda de acordo com o turista, “Disseram que nem poderíamos falar com eles (outros turistas europeus) e que a empresa aérea Iberia já tinha nossos bilhetes de volta. O tratamento que recebemos foi um vexame”.<sup>5</sup>

Em um primeiro momento, foi dado amplo destaque à forma como os brasileiros haviam sido tratados pelas autoridades espanholas. Os diversos relatos incluem longas horas de espera sem informação e alimentação. Isolados e incomunicáveis em salas do aeroporto de Baraja, Madrid, turistas, pesquisadores e até um padre<sup>6</sup> tiveram suas viagens transformadas em drama.

<sup>2</sup> INFANTE, Anelise. “Turistas espanhóis barrados reclamam de discriminação”. In: *BBC Brasil.com*. 19/03/2008a. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080319\\_espanhaturistasai.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080319_espanhaturistasai.shtml) Acesso em: 23/03/2008.

<sup>3</sup> INFANTE, 19/03/2008; *ODIA online*, 11/03/2008.

<sup>4</sup> INFANTE, 19/03/2008.

<sup>5</sup> INFANTE, 19/03/2008.

<sup>6</sup> *FOLHA ONLINE*. “Padre teve até estola e túnica confiscadas na Espanha”. In: *FOLHA ONLINE*, 07/03/2008. <http://>

Diante das reações de inúmeros brasileiros, era possível dar conta dos sentimentos de repúdio, raiva e retaliação que os acometiam: a profunda ofensa pela forma como brasileiros foram tratados no “primeiro mundo”. Naquele momento, a mídia funcionou como uma espécie de consciência coletiva, traduzindo e compartilhando sentimentos da grande maioria dos brasileiros. Dois dias após um dos incidentes com brasileiros, um grupo de sete espanhóis que chegava ao Brasil teve sua entrada negada no aeroporto de Salvador.<sup>7</sup> As alegações giravam em torno da documentação incompleta e da não declaração da quantia de dinheiro trazida.

A mídia levantou a suspeita de que o governo tivesse determinado às autoridades federais nas fronteiras e nos aeroportos que adotassem procedimentos mais rígidos com cidadãos espanhóis. Segundo matéria da *Folha Online*<sup>8</sup>, o Itamaraty informava que poderia adotar medidas de retaliação em relação a cidadãos espanhóis. O governo, de início, negou, ainda que insinuasse que poderia adotar legitimamente os mesmos procedimentos a que brasileiros eram submetidos. O assessor especial da presidência da república, Marco Aurélio Garcia, afirmou que não foi um problema de retaliação, mas que se estava aumentando o rigor na fiscalização e nas rotinas, pois “o país precisa se fazer respeitar”.<sup>9</sup>

Alguns dias depois, o *Jornal Nacional*<sup>10</sup> mostrou com destaque uma matéria em que um espanhol e uma alemã, entre outros, tiveram sua entrada negada no Brasil com a justificativa de que não tinham toda a documentação exigida. Para o estudo da construção da identidade, merece ser destacado na matéria exibida pelo Jornal Nacional – programa do chamado horário nobre da *TV Globo* – o diálogo mantido entre um turista espanhol e um agente federal no aeroporto de Fortaleza.

As imagens veiculadas pelo telejornal muito provavelmente provocaram forte impacto sobre os telespectadores. Foram gravadas e postas no *Youtube*. Naquele momento, toda uma “nação” imaginada pôde assistir em casa ao momento de se confrontar com o estrangeiro, com *eles*, os espanhóis. Uma câmera - estrategicamente posicionada com antecedência - captou o momento em que um turista espanhol foi interpelado pelo policial e revelou um diálogo tenso e conflituoso, ainda que assimétrico, em que sentidos e significados de pertencimento a uma nação são construídos e reforçados.

Chamamos a atenção ao diálogo em que o policial federal explica ao espanhol que ele não cumpria o que a regra brasileira determina, devendo, portanto, retornar a seu país. A interlocução começa quando o agente pergunta ao estrangeiro quanto tempo ficaria no Brasil. Ao

[www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u379799.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u379799.shtml) . Consulta em 27/04/2008.

<sup>7</sup> FOLHA ONLINE. “Sete espanhóis são barrados no aeroporto de Salvador”. 07/03/2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u379493.shtml> Acesso em 23/03/2008.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> JORNAL DAS 10. Globo News. 10/03/2008. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=LTKcXadhwi4&NR=1> . Acesso em 23/03/2008.

<sup>10</sup> JORNAL NACIONAL. Rede Globo. 12/03/2008. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JKLHzm506S0&feature=related> . Consulta em 12/03/2008.

ouvir como resposta 90 dias, indaga em qual endereço o outro ficaria. Como resposta, o espanhol informa que ainda não tinha endereço, mas assim que chegasse a Jericoacoara ficaria em uma pousada. O funcionário diz, então: “Eu não vou autorizar o senhor a entrar no Brasil assim... eu não vou autorizar o senhor **a entrar no meu país** sem ter um endereço fixo, ok?”<sup>11</sup>. Em seguida, o repórter, em *off*, complementa dizendo que a comunicação é difícil entre os dois: “O agente não fala espanhol... o turista não entende português e parece não perceber que vai ter mesmo que voltar para casa”.<sup>12</sup>

Estamos, para todos os efeitos, em uma zona de fronteira tensa. O policial, então, informa novamente ao turista que “O senhor **vai voltar para o seu país** porque o senhor não tem um endereço fixo para ficar aqui no Brasil, ok?”<sup>13</sup>. Outro turista espanhol de mais idade tenta ajudar seu compatriota, mas o policial o interrompe e volta a afirmar – enquanto sua fala é reproduzida por escrito na tela - “Portanto, **ele não vai entrar no meu país**, ok?”<sup>14</sup>. Naquele momento o policial emprega um tom mais forte em sua fala, gesticulando de maneira incisiva. O espanhol, então, pergunta ao compatriota: “Eu não entro?”<sup>15</sup>. O outro responde que não. E o repórter anuncia que “o agente deixa claro que a ação é uma resposta ao que está acontecendo com os brasileiros na Espanha”.<sup>16</sup>

Estabelece-se um diálogo tenso e potencialmente conflitivo entre o turista, que parece não entender o que acontece, e o policial, que começa a dar sinais de impaciência. O policial então, afirma: “Os atos da polícia federal do Brasil **eles são recíprocos** aos atos da polícia federal da Espanha. (...) O senhor **vai voltar pelos mesmos motivos que os brasileiros estão voltando do seu país**... O senhor aguarde ali, não, não, o senhor aguarde acolá, por favor”.<sup>17</sup>

O espanhol se afasta enquanto o senhor que tentava ajudá-lo segue adiante. Ao passar pela câmera, o senhor diz: “... desastre”.<sup>18</sup> A matéria é fechada com a fala do chefe da delegacia de imigração da PF, Thomas Wlassak, que apresenta as razões para a deportação do espanhol: “Pelo menos um comprovante de reserva de hotel, um aluguel de carro, certo? Algum passeio turístico, ter trazido dinheiro suficiente, comprovar dinheiro suficiente, para gastar aqui, tá? Então nesse caso, o que acontece, né? Ficou bastante caracterizado... muito, muito fácil de caracterizá-lo como o turista que realmente não **nos interessa aqui no país**”.<sup>19</sup>

---

<sup>11</sup> Depoimento veiculado em matéria do JN de 12/03/2008. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JKLHzm506S0&feature=related>. Consulta em 12/03/2008.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> Idem.

## TURISMO, CULTURA E RITUAL

Tempo e espaço, no turismo, não são normais, uma vez que são constituídos pela via do ritual. Isso não significa que estejamos tratando com algo que não seja a própria vida social. No turismo, o ordinário é tornado extraordinário, ganhando cores mais fortes e vívidas. Para alguns analistas do turismo, o turista é classificado como sujeito alienado e consumista; outros o veem tão somente como passivo. A própria antropologia somente voltou seus olhares para o turismo e turistas a partir de meados dos anos 1970. Acreditava-se que o turismo estava longe de ser um objeto digno de conhecimento e reflexão devido a seu universo lúdico, relacionado ao campo do lazer em oposição ao universo do trabalho e a tudo que parecesse sério e racional. Argumentava-se que poderia haver algum tipo de confusão entre o antropólogo como pesquisador de campo e o turista a ponto de o primeiro correr o risco de ser confundido com o segundo (Augé, 2001; Campodónico, 2005). Não muito distante desse argumento, antropólogos nutriam certa desconfiança para com os turistas, esses andarilhos indesejáveis que atravessam seu caminho, provocando toda sorte de mudanças e transformações nas culturas que eles estudavam (Augé, 2001).

Foi preciso algum tempo para se compreender que fatores internos/endógenos - tanto quanto os externos/exógenos - também tinham papel decisivo na forma como as sociedades se transformavam. Finalmente, a crise da antropologia com seu objeto, que parecia se dissolver velozmente com o avanço da modernização em inúmeras partes do mundo, possibilitou que o olhar antropológico se voltasse para o *outro* que existia no próximo. É o que podemos chamar do regresso da antropologia à casa ou pesquisar em seu próprio quintal. Isso, contudo, não significava estar à busca do primitivo dentro de nossa própria sociedade (populações indígenas ou rurais). Antes, significava estranhar o que nos era mais familiar, mas não conhecido - pois visto sob o prisma da hierarquia e do estereótipo (Velho, 1978) -, desligando-se emocionalmente de nossos mapas mais cristalizados usados na classificação, já que a introjeção de práticas e sistemas de representação não se davam pela via cognoscível, senão pelo estômago, como dizia DaMatta (1978). Portanto, nada mais oportuno do que investigar turistas, suas práticas, suas maneiras de consumo, os espaços onde eles se encontram, os meios de hospedagem e de transporte, seus sistemas de ideias, sua indumentária, sua alimentação, suas experiências com o deslocamento, suas memórias, suas narrativas, seus relatos, enfim, seu imaginário e seus significados.

Tema central à antropologia e ao turismo, a identidade, ou melhor, a identificação é o conjunto de formas de classificação e construção de inclusão e exclusão de grupos sociais, sempre operada pela via simbólica, baseada na diferença cultural: *nós x eles*. A deportação de brasileiros da Espanha expõe a problemática da construção da identidade nacional, do Estado e da nação, assim como suas relações com o turismo. Afinal, são brasileiros que estão sendo deportados em primeiro

lugar, não paulistas, cariocas ou mineiros. Invariavelmente, estamos no plano da cultura como processo a partir do qual o modo de significação é articulado. No sentido que buscamos adotar, cultura é toda e qualquer forma que os homens, coletivamente, em diferentes momentos da história, classificam, ordenam e rotulam, hierarquicamente: pessoas, coisas e tudo o mais que haja no mundo. Em outras palavras, adotamos uma noção semiótica de cultura e, em vez de buscar leis universais do desenvolvimento social ou alguma essência da natureza humana, focamos nossa análise no significado socialmente construído (Geertz, 1978). Trata-se de pensá-la como uma zona do significado, zona *moral* do significado na qual podemos observar um complexo dinâmico, político, violento mesmo na tentativa de fechar o cerco em torno de uma visão de mundo estável, concisa e coerente aos membros de um dado grupo ou sociedade (Rocha, 1981). Isso não exclui o fato de que, no interior de qualquer grupamento social, mesmo em sociedades mais simples, haja disputas em torno dos sentidos presentes no mundo e que se possa instaurar pontos de vista divergentes e conflituosos pela fixação do significado (Rocha, 1981; Velho, 1978).

Vista a partir de uma perspectiva semiótica, cultura implica necessariamente em significados que são compartilhados e comunicados, interpretados e compreendidos sob a forma de códigos que são usados na construção de mensagens que serão interpretadas de muitas maneiras. O mais importante, nessa discussão, é não perder de foco a ideia de que o homem é um ser simbólico junto ou contra o outro, jamais sozinho. Assim, não há modo ou maneira de que algo ou alguma coisa deixe de ter significado ou sentido para homens que vivem em sociedade. Em outras palavras, toda e qualquer ação humana é dotada de significado e isso inclui os desencontros que possam se estabelecer na interação (Sahlins, 1979; Rocha, 1981).

Da mesma forma que em *Samba no Galeão* (Siqueira, Siqueira, 2006), aqui, relacionar turismo e ritual é uma maneira de se pensar, por meio de metáforas, a forma como turistas ou viajantes experimentam situações de medo, ambiguidade e tensão quando se deslocam entre universos distintos de significação. A chegada a um lugar estranho ou pouco conhecido não significa apenas deslumbre e encantamento em um primeiro momento. Medo, estranheza e tensão, dúvida e desconfiança são sensações experimentadas por muitos quando saem de seus mundos cotidianos em direção a lugares desconhecidos. Trata-se do campo do ritual, da fronteira e do deslocamento simbólico e moral, mas não menos das representações sociais de um grupo.

Na verdade, ritual quer dizer mais do que simplesmente passagem. O ritual também reforça, inverte, separa, segrega, delimita, exclui, inclui e transforma. Não viajamos de um ponto ao outro de uma maneira direta. É preciso mediações, afinal, as mudanças que estão em jogo no turismo são lentas e graduais. Assim, “o *rito*, como o *mito*, consegue colocar em close up as *coisas do mundo social*” (DaMatta, 1981, p.60). O ritual também busca chamar a atenção da sociedade ou

de um grupo social para algo que merece ser colocado em destaque e, assim, se desvencilhar do mundo ordinário, ainda que por um tempo delimitado. Ou, em outras palavras, “como todo discurso simbólico, o ritual *destaca certos aspectos da realidade*. Um de seus elementos básicos *é tornar certos aspectos do mundo social mais presentes do que outros*” (DAMATTA, 1981, p.60 [grifos nossos]). Férias ou feriados são exemplos de como podemos destacar algo do mundo ordinário, do tempo comum e linear do dia a dia, de trabalho, do campo da racionalidade e das obrigações, a fim de retotalizá-lo como tempo e espaço dotados de qualidades distintivas, afetivas e míticas. No ritual, pelo menos dois mecanismos são centrais à nossa análise: reforço ou separação e inversão ou conjunção. Nos aeroportos em que turistas espanhóis foram retidos e expulsos, separação ou reforço parecem ser as características centrais em jogo. Para DaMatta (1981), a separação permite que o que está oculto possa ganhar centralidade ou, em outras palavras, emergir e ser comunicado. Aqui, estamos tratando da imagem do Brasil como país sério, dotado de leis e procedimentos formais que devem ser respeitados e que se encontram no mesmo nível das nações ditas “desenvolvidas”.

### **IDENTIDADE, ESTADO E COMUNICAÇÃO: SEPARAÇÃO E REFORÇO NO AEROPORTO**

Um conflito no aeroporto pode ficar confinado à sua estrutura e ser compartilhado por poucas pessoas, produzindo efeitos de pequeno alcance ou ser divulgado entre milhões de pessoas que se imaginam membros de uma nação (Hall, 1999), acionando mecanismos sociológicos e psicológicos de grande repercussão. Imagens, nesse sentido, são poderosas superfícies onde podemos ver repousar significados e representações plurais que podem servir para tudo ou quase tudo (Flüsser, 2002; Augè, 2001).

Por meio de imagens, sons, gestos, roupas, objetos, etc., podemos observar a maneira como se dá o processo de identificação segundo o contexto ou a situação que se apresenta. Para todos os efeitos, estamos tratando em termos de imagens. Imagens não são cópias de uma realidade objetiva, independente do grupo social que as constrói. Toda imagem é formada no interior do grupo ou da sociedade tendo o conflito como potencialmente possível de se instaurar - afinal, estamos lidando com um campo semântico em permanente disputa pela instauração do significado para o mundo (Rocha, 1981). Imagens são sempre formas de relação articuladas com o campo do imaginário coletivo, mas também com algo que imaginamos acontecer lá fora no mundo (Flüsser, 2002; Laplantine e Trindade, 1998). Dialeticamente, imagens articulam o plano subjetivo, o inconsciente e o imaginário de uma sociedade ou grupo assim como a dimensão objetiva.

Assim, retomando a situação analisada, muitos profissionais de turismo e mesmo dos círculos diplomáticos podem ter entendido que a situação não exigia o tipo de tratamento a que o



turista espanhol da matéria do *JN* foi submetido. As palavras do policial federal – que são, nesse contexto, a voz de toda a nação - tiveram grande eficácia simbólica, da mesma forma que ações, gestos e expressões dos xamãs quando de suas curas mágicas, sobre aqueles que se veem como parte da “grande nação brasileira” imaginada.

Como analisar e interpretar o que foi comunicado e compartilhado por meio de gestos, palavras e imagens veiculadas na matéria do *Jornal Nacional*? Por meio de uma etnografia da imagem. Em linhas gerais, estabeleceu-se um drama cujos atores sociais tornaram suas ações performáticas. No momento em que o turista estava em vias de entrar no Brasil, havia indeterminação, medo, expectativa e ambiguidade, as marcas do ritual. Como não cumpriu com a documentação exigida, o turista espanhol teve sua entrada no país negada. É importante observar a forma como o policial se refere ao Brasil como “meu país”. Aqui, o ritual adquire toda sua importância ao chamar a atenção para algo que não pode passar despercebido. O policial vai adiante e dramatiza sua performance ao anunciar procedimentos burocráticos formais brasileiros na relação com o turista. Na Espanha, como no Brasil, há leis que devem e vão ser cumpridas. A relação entre o turista e o policial, aparentemente corriqueira, está prestes a ser quebrada quando o turista recebe a notícia de que terá de voltar, colocando-se numa situação de inferioridade, pois nada pode fazer diante do policial que representa o Estado. O turista esboça uma reação e é ajudado por seu compatriota. O policial, diante de uma possível reação do espanhol, lança mão de sua autoridade e, por meio do mecanismo ritual do reforço e da separação ou disjunção, aciona o famoso “Você sabe com quem está falando?” (DaMatta, 1981).

À medida em que o espanhol tenta explicar sua situação, procurando encontrar alguma forma de contornar o sistema de leis e procedimentos formais, o policial aciona ritualmente a separação, colocando devidamente cada um em seu lugar. A hierarquia é explicitada nesse momento. Ao mesmo tempo em que formaliza as relações, impõe distância e delimita papéis e lugares no sistema social. “Manda quem pode, obedece quem tem juízo”, como enuncia o dito popular. Acerca do reforço, DaMatta (1981, p.62) explica que “é, pois, um mecanismo onde a escolha parece ser daquilo que está submerso (ou em vias de submergir), do que está dentro e, por isso mesmo, não está sendo devidamente percebido. Quando tal mecanismo é aplicado e a situação ambígua resolvida, cria-se um campo formal ou respeitoso”. O ritual promovido com o reforço e a separação enfatizou quem de fato manda naquele lugar, quem detém a autoridade de fato (policial) e quem obedece (turista). Segundo DaMatta (1981, p.61), com o reforço, “trata-se apenas de chamar a atenção para as regras, posições ou relações que realmente existem”.

Se com o turista espanhol o mecanismo básico do ritual utilizado foi o de separação, fazendo com que a autoridade policial, submersa ou subentendida viesse à tona para dar conta da

situação ambígua – o turista irá entrar ou não? –, do outro lado, brasileiros que assistiam à matéria, experimentavam o mecanismo da inversão, ou seja, se normalmente as posições sociais nos separam, naquele momento, nos víamos como uma unidade. Na verdade, separação e integração são partes de um mesmo processo, “pois o que é separado de um lado é integrado de outro” (DaMatta, 1981, p.61). Se na maior parte do tempo vivemos em mundos herméticos, em que se verifica a exclusão, naquele momento, percebemos a conjunção ou integração do que está normalmente separado no mundo ordinário: a própria ideia de nação ou de uma identidade nacional brasileira. Quando o policial diz ao turista espanhol que ele não entrará em “seu” país, todos, independentemente de classe, estrato social e posição no sistema mais amplo da estrutura social, podem se ver, momentaneamente, como unidade, como parte de um só povo, de uma só nação. Assim, de acordo com DaMatta (1981, p.62) acerca da inversão,

Neste caso, tudo indica que o processo é radical no sentido de realmente provocar um deslocamento completo de elementos de um domínio para outro do qual esses elementos estão normalmente excluídos. Trata-se, em outras palavras, de juntar o que está normalmente separado, criando continuidades entre os diversos sistemas de classificação que operam discretamente no sistema social.

Dessa maneira, acreditamos, distintos brasileiros puderam abandonar suas posições fixas que ocupam na maior parte do ano na estrutura social e ser parte integrante da unidade chamada Brasil. “A inversão cria as condições para a comutação entre domínios e elementos situados em posições descontínuas” (DaMatta, 1981, p. 63). Na situação midiática estudada, as diferenças existem, mas todos se sentem primordialmente brasileiros quando confrontados com o estrangeiro que é radicalmente separado de nós, inclusive, fisicamente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Turismo é uma dimensão da vida social em que o ritual se faz presente com toda sua intensidade, afinal, da mesma forma que a cultura, o ritual também faz ou diz alguma coisa. A princípio, todo aquele que experimenta o ritual passa por momentos ou etapas que incluem a saída ou rompimento do cotidiano para, em seguida, se encontrar em um momento de forte ambiguidade e indeterminação - a liminaridade – e, finalmente, mediante uma série de atos e práticas mediadoras e integradoras, ser incorporado ao novo lugar, grupo ou sociedade, investido já de seu novo papel social ou de atributos que atestam sua nova identidade social. O turista se adequa bem a essa terminologia do ritual, pois atravessa fronteiras mais simbólicas do que físicas e geográficas.

Aeroportos, então, são lugares rituais. Estrangeiros, policiais e jornalistas em aeroportos estabelecem com o espaço-fronteira uma série de relações simbólicas reveladoras de culturas em jogo. Longe de ser um não lugar, o aeroporto é locus de disputas identitárias, de

alteridades, de conflitos culturais e interesses muito particulares. A situação dos aeroportos brasileiros e espanhóis em 2008 deixa clara essa relação e nos revela o quão importante é o estudo dessas questões para o turismo.

O caso estudado também explicita como determinadas situações rituais operam para reforçar ou construir identidades em âmbito nacional. E isso está longe de ser reduzido a uma polarização cultura x ideologia. A vida social nos aeroportos – portas de entrada das nações - se tece em significações construídas nas relações estrangeiro/turista e agentes da polícia, comerciantes, taxistas, pessoas que trabalham naquele espaço. A ideia do aeroporto como porta leva a pensar novamente no ritual. É o ritual que marca tanto a entrada quanto a saída de alguém de um aeroporto. Quem faz viagem internacional se submete a revista pessoal, a revista da bagagem, a verificação da documentação. Como ritual de passagem, gera tensão, estabelece hierarquias. O turista, o viajante é submetido, e ainda pode ser recolocado em seu lugar com um legítimo “Você sabe com quem está falando?”

Os aeroportos de Salvador, do Rio de Janeiro e o internacional de Fortaleza, em março de 2008, mais uma vez voltaram à cena como lugares onde turismo, cultura, Estado, identidade e comunicação estabelecem relações com vias à produção da vida social. Em nome da reciprocidade, agentes federais barraram a entrada de alguns espanhóis no país. Mais do que um procedimento burocrático oficial, podemos interpretar como uma “resposta” ao tratamento dado a brasileiros na Espanha. Naquele momento, singular, levando-se em conta a vida desigual que milhões de brasileiros vivem todos os dias, éramos um só.

Uma das questões para a comoção em torno da deportação dos brasileiros talvez tenha sido porque não se tratava de quaisquer brasileiros: eram estudantes/pesquisadores de pós-graduação indo a um congresso acadêmico. Não eram candidatos a trabalhadores ilegais, nem garotas de programa: eram algo como “o melhor que temos em nosso país”. Filhos da classe média, estudando muito além da média da população. Foi também o caso de uma professora de história e de um padre. Ao olhar da mídia e da população, injustiças foram cometidas. E a injustiça comove. A despeito de toda uma história de 500 anos que revelam muitos brasis, políticos, intelectuais, jornalistas, profissionais de turismo, pessoas “comuns” se colocaram a discutir o modo como os brasileiros foram tratados, estabelecendo a relação identitária étnica: somos brasileiros, em oposição a eles, espanhóis.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 2001.

- BACCEGA, M. A. “A construção do campo da comunicação/educação: alguns caminhos”. In: *Revista USP*, São Paulo, n.48, p. 18-31, jan./fev, 2001.
- BARBERO, Jesús Martin. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1997.
- CAMPODÔNICO, Gabriela. “Locales y visitantes en Colonia del Sacramento: un estudio de caso”. In: Anuário, Antropología social y cultural en Uruguay. 2004-2005.
- DAMATTA, Roberto. “O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- \_\_\_\_\_. “Os mecanismos básicos da ritualização”. In: \_\_\_\_\_. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições70, 1995.
- FLÜSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&M, 1999.
- LAPLANTINE, F. e TRINDADE, L. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1976.
- ROCHA, E. P. G. “Tempo de casa ou 'carteira manjada': notas para um estudo de construção da identidade”. In: *Comum*, v.2, n.8. Faculdade de Comunicação e Turismo Hélio Alonso, 1981.
- SAHLLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SANTOS, R. J. “Imagens do turismo, cultura e lugares híbridos em Gramado e Canela, RS”. In: Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Trabalho apresentado no NP de Comunicação, Turismo e Hospitalidade. INTERCOM, Rio de Janeiro, UERJ, 5 a 9 de setembro. 14 p. CD-ROM, 2005.
- SIQUEIRA, Euler David de e SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. “Samba no Galeão: corpo, cultura e representações do Rio de Janeiro”. In: SALGADO, Gilberto Barbosa (org.). *Cultura e instituições sociais*. Juiz de Fora: EdUFJF, 2006.
- SIQUEIRA, Euler David de. “Ritual, turismo e cultura: o aeroporto do Galeão como

lugar de passagem”. In: Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Trabalho apresentado no NP de Comunicação, turismo e hospitalidade. INTERCOM, Brasília, UnB, 07 a 09 de setembro. 15p. CD-ROM, 2006.

SIQUEIRA, Euler David. “O melhor lugar do mundo é aqui: etnocentrismo e representações sociais nas revistas de turismo”. In: *Revista Hospitalidade*, São Paulo, Ano IV, n.1, p.11-33, 1. sem, 2007.

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

### **MATERIAL JORNALÍSTICO**

INFANTE, Anelise. “Espanha barrou em fevereiro mais de 450 brasileiros”. In: BBC Brasil.com. 06/03/2008. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080306\\_espanhaestudantesbarrados\\_fp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080306_espanhaestudantesbarrados_fp.shtml) . Acesso em: 27/04/2008.

INFANTE, Anelise. “Turistas espanhóis barrados reclamam de discriminação”. In: BBC Brasil.com. 19/03/2008. [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080319\\_espanhaturistasai.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2008/03/080319_espanhaturistasai.shtml) Acesso em: 23/03/2008.

FOLHA ONLINE. “Padre teve até estola e túnica confiscadas na Espanha”. In: FOLHA ONLINE. 07/03/2008. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u379799.shtml>. Consulta em 27/04/2008.

FOLHA ONLINE. “Sete espanhóis são barrados no aeroporto de Salvador”. In: FOLHA ONLINE. 07/03/2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u379493.shtml> Acesso em 23/03/2008.

O DIA ONLINE. “Espanhóis barrados no Brasil dizem que tratamento foi um vexame”. 11/03/2008. Disponível em: [http://odia.terra.com.br/mundo/htm/espanhois\\_barrados\\_no\\_brasil\\_dizem\\_que\\_tratamento\\_foi\\_um\\_vexame\\_157043.asp](http://odia.terra.com.br/mundo/htm/espanhois_barrados_no_brasil_dizem_que_tratamento_foi_um_vexame_157043.asp) . Acesso em 23/03/2008.

JORNAL DAS 10. Globo News. 10/03/2008. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=LTKcXadhwi4&NR=1> . Acesso em 23/03/2008.

JORNAL NACIONAL. Rede Globo. 12/03/2008. Disponível em:  
<http://www.youtube.com/watch?v=JKLHzm506S0&feature=related>. Consulta em  
12/03/2008.

**EULER DAVID DE SIQUEIRA** é Doutor em Sociologia (IFCS-UFRJ) e professor adjunto do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (UFJF).

**DENISE DA COSTA OLIVEIRA SIQUEIRA** é doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP) e professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Comunicação (UERJ).

*Submetido: 23/07/2008.*

*Aceito: 14/05/2009.*